
Demanda por Serviços Contábeis pelos Mercadinhos: são os Contadores Necessários?¹

Luiz Carlos Miranda, Ph.D. ²
Jeronymo José Libonati, Dr. ³
Deivisson Rattacaso Freire ⁴
Odilon Saturnino ⁵

Resumo

Este trabalho tem como foco a demanda por serviços contábeis pelos gestores de micro e pequenas empresas. Para reduzir possíveis problemas advindos da heterogeneidade do negócio, o estudo teve como foco pequenos supermercados de periferia (mercadinhos). Foram entrevistados trinta e três gestores da periferia da Grande Recife (PE) para analisar a percepção dos mesmos sobre o contador e os serviços contábeis recebidos. O tratamento estatístico incluiu medidas de posição, dispersão e testes não paramétricos (teste qui-quadrado e teste Exato Fisher) para testar algumas hipóteses. A pesquisa revelou que a maioria (64%) dos entrevistados manteria seus contadores, mesmo que o recolhimento dos impostos fosse simplificado. No entanto, o fato de que 36% responderam que não manteriam é indício de que parte significativa dos empresários não vê os contadores para outra finalidade se não essa. Parcela expressiva (70%) dos entrevistados está disposta a pagar mais ao seu contador caso este produza informação que permita gerenciar melhor o seu negócio. Três conclusões podem ser extraídas deste estudo: (a) parte significativa dos micro e pequenos empresários ainda percebe os contadores apenas como provedores de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais; (b) para parte significativa dos empresários o contador não é o único profissional especializado na produção de informação para controle e avaliação de desempenho; e (c) os empresários percebem valor e estão dispostos a pagar mais por informações que contribuam para melhorar o gerenciamento e a avaliação do desempenho de seus negócios.

Palavras-chave: Serviços contábeis. Avaliação de desempenho organizacional. Micro e pequenas empresas. Sistemas de informação contábil. Supermercados.

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa financiada pelo CNPq, realizada no âmbito do Grupo de Pesquisa sobre Oferta e Demanda de Serviços Contábeis para Pequenas e Médias Empresas (<http://www.ufpe.br/conpe>).

² Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Endereço: Rua João Frago de Medeiros, 34 ap 101, Candeias, Jaboatão-PE, cep: 54430-250. Telefone: (81) 3363-01050 / 8886-0150. E-mail: lc-miranda@uol.com.br.

³ Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Endereço: Rua Gildo Neto, número 125 apto. 1402, Tamarineira, Recife-PE, cep: 52050-130. Telefone: (81) 3268-0256. E-mail: jeronymolibonati@yahoo.com.br.

⁴ Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Endereço: Rua Aracatú, 448 bloco 09 apto 202, Piedade, Jaboatão - PE, cep: 54410-470. Telefone: (81) 3361-3426 / 8741-8318. E-mail: deivissonrattacaso@yahoo.com.br.

⁵ Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Endereço: Rua da esperança, 664 c, Barro, Recife-PE, cep: 50900-100. Telefone: (81) 8773-5839. E-mail: odilonsaturnino@yahoo.com.br.

Demand for Accounting Services by Mini-markets: are Accountants Necessary?

Abstract

This investigates the demand of accounting services by small business managers. To reduce problems caused by business type heterogeneity, the study focus on mini markets, directed mainly for low-income customers. Thirty three managers from the metropolitan area of Recife (capital of Pernambuco State, located at the Northeast of Brazil) were interviewed, to analyze their perception on the accountant and the accounting services received. The statistical analysis included position and dispersion measures, and non parametric tests (qui-square and exact Fisher test) on some hypotheses. The majority (64%) of the interviewers would keep their contract with their accountants, even if the tax calculation and collection would be simplified. However, the fact that 36% answered that they would not keep their accountant, in such circumstances, indicates that for an expressive proportion of small business managers, accountants still are perceived useful only for tax purpose. The study also reveals that expressive percentage of the respondents (70%) is willing to pay more to their accountants, if they provide better information to run their business. Three conclusion arise from the study: (a) significant portion of small business managers still perceive their accountants just as providers of services related to tax calculation and collection; (b) to significant portion of such managers, the accountant is not the only specialized producer of information to control and evaluate business performance; and (c) small business managers perceive value on information which helps to improve business management and are willing to pay for such information.

Keywords: Accounting services. Accounting information systems. Small Business. Performance measurement. Supermarket.

1 Introdução

Embora se tenha conhecimento da existência de desequilíbrios entre a oferta de serviços contábeis pelos escritórios de contabilidade e a demanda de tais serviços pelas pequenas e médias empresas brasileiras, a produção de um conhecimento sistematizado sobre o assunto ainda é escassa, no Brasil. A maior parte das pesquisas associadas ao tema têm um caráter essen-

cialmente descritivo, havendo carência de uma análise mais detalhada que permita identificar o grau dos desequilíbrios, suas causas e as possíveis soluções para esse descompasso.

Recentemente, foi publicado um estudo sobre a mortalidade das pequenas e médias empresas brasileiras (SEBRAE, 2004). O estudo revela que a taxa de mortalidade é de 49% entre as empresas com dois anos de existência, ou seja, 49% das empresas deixam de existir dois anos depois de sua abertura. Essa taxa se eleva para 60% entre as empresas com 4 anos de existência. A pesquisa revela que 70% dos respondentes assinalaram falhas gerenciais como as causas das dificuldades e razões para o fechamento dessas empresas.

Parte do problema poderia ser resolvida com o desenvolvimento de um bom plano de negócios, antes mesmo do negócio ser iniciado. Outra parte significativa poderia ser resolvida com a utilização de sistemas de controle gerencial e de medição de desempenho adequados a essas empresas, que levassem em conta o porte das mesmas e a capacidade de entendimento desses empresários (delimitada pela escolaridade, pelo treinamento específico e por outras variáveis que serão objeto do estudo). A pesquisa do SEBRAE (2004) revela que dentre as empresas extintas houve um maior número de empresas que não procurou por assessoria externa (32% nas extintas contra 25% dentre as sobreviventes).

Esses números são evidências da importância de bons serviços contábeis e de bons sistemas de controle gerencial, o que justifica o aprofundamento dos estudos a esse respeito. O desperdício de aproximadamente R\$ 20 bilhões, resultante da extinção de empresas nos três anos (2000, 2001 e 2002) pesquisados pelo SEBRAE (2004), reforçam a relevância da pesquisa.

O presente trabalho tem como foco a demanda por serviços contábeis por parte das micro e pequenas empresas, investigando a percepção dos gestores dessas organizações sobre o contador e os serviços contábeis recebidos. Para o alcance de tais objetivos realizou-se pesquisa junto a trinta e três empresários de micro e pequenos supermercados (mercadinhos) de periferia da Região Metropolitana do Recife (PE), mais especificamente das cidades do Recife e de Jaboatão. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas, suportadas com questionários preenchidos, na maioria das vezes, pelo próprio pesquisador. O trabalho inclui uma revisão da literatura referente à sobrevivência, medidas de desempenho e processo decisório no

contexto das pequenas e médias empresas. O estudo está estruturado em cinco seções, além desta introdução e das referências. Na seção dois descreve a metodologia utilizada neste estudo. Na seção três apresenta a revisão da literatura, com ênfase em estudos semelhantes ao atual, além de um breve resumo sobre as características das micro e pequenas empresas brasileiras e sobre sistemas contábeis de informação (SIC) nessas organizações. Na seção quatro apresentam-se os resultados e as conclusões são apresentadas na seção cinco.

2 Revisão da Literatura

As pequenas empresas, na grande maioria dos casos, são carentes de uma visão estratégica, uma vez que a grande motivação para seu surgimento é a falta de emprego ou a aptidão artesanal do indivíduo. Segundo Bortoli (1980), as pequenas e médias empresas pertencem, geralmente, a um indivíduo ou grupos familiares e possuem uma administração pouco especializada. Em conformidade com isso, Braga (1988) afirma que, em tais empresas, posições estratégicas importantes são ocupadas levando-se em conta primeiramente o grau de parentesco e não a qualificação ou competência profissional.

Em uma visão mais geral, Johnson e Scholes (1993) comentam que tais empresas se caracterizam por sofrer grandes pressões dos concorrentes, atuar com um número limitado de produtos e não possuir condições de fazer análises complexas e pesquisas de mercado. Com tais características, essas empresas necessitam dispor de informações que ajudem seus gestores a melhorar a administração do negócio.

Cada vez mais é preciso um conjunto maior de informações para gerenciar uma organização. Dentre estas informações estão: perspectivas de avanço na tecnologia; novidades no sistema financeiro; novas técnicas administrativas; oportunidades de negócios; mudanças na legislação; preços e condições da concorrência. No contexto das micro e pequenas empresas, a preocupação com a economia de recursos é uma constante. Assim, o contador pode exercer importante papel, quase sempre, como consultor que terá a responsabilidade de orientar o administrador a tomar decisões nas diversas áreas do empreendimento. Tal como afirmou Castro (1998), a consultoria que o pequeno empresário mais necessita é a contábil.

Com relação às características da informação contábil, o que é comum entre os pesquisadores analisados, é que esta não deve ter fins exclusivamente fiscais, mas, acima de tudo, servir de base para a tomada de decisão estratégica. Sendo assim, essas informações devem ser fornecidas de acordo com as necessidades concretas de cada empresa, pois como afirma Resnik (1990, p. 151), “um bom sistema de contabilidade é tudo aquilo que uma determinada empresa precisa e não o que qualquer empresa precise ou pense precisar”.

Dessa maneira, deve-se verificar se os sistemas contábeis mais modernos estão de acordo com as necessidades da empresa, pois não adianta dispor de serviços contábeis automatizados se estes não proporcionam um retorno do que foi investido na sua implantação. Se não houver esse retorno, é importante que a empresa, de início, possa “contar com um sistema manual e utilizar certos serviços externos computadorizados ou, então, 'subsistemas' internos de programas computadorizados” (RESNIK, 1990, p. 155).

Com o objetivo de verificar como as pequenas empresas utilizam as informações fornecidas pela contabilidade, Oliveira, Muller e Nakamura (2000) realizaram uma pesquisa junto a 29 empresas filiadas à Associação das Retíficas de Motores do Estado do Paraná, para analisar o estilo de administração predominante e a influência deste na utilização de tais informações como ferramenta de apoio à tomada de decisões. A maioria das empresas investigadas era formada por empresas familiares (65%), com predominância (62%) de administradores sem formação acadêmica.

O estudo constatou que 90% das empresas utilizam o sistema de informação contábil para atendimento das necessidades administrativas não só de cunho fiscal, mas também gerencial e, conforme ressaltam os autores, “contrariando o quase senso comum”, a pesquisa revelou uma predominância (55%) da utilização do SIC para fins gerenciais. No entanto, revelando uma contradição nessa afirmativa, a pesquisa revela que a demonstração contábil mais utilizada é o Balancete de Verificação, de onde são extraídas as informações para suporte à decisão. Sabidamente esta peça contábil não é a mais apropriada para apoiar decisões gerenciais.

Os autores constataram também que os empresários que possuem formação acadêmica se utilizam mais das informações contábeis para fins gerenciais do que aqueles que não possuem. Com relação à utilização dos

relatórios, a pesquisa revela que quanto maior é a afinidade do gestor com os relatórios e terminologias contábeis, maior é o grau de utilização da contabilidade para tais fins, sendo essa a explicação para a importância da formação acadêmica na área de Ciências Sociais.

Nesta mesma linha, Queiroz (2005) realizou uma pesquisa que teve por objetivo investigar o uso da informação contábil pelos micro e pequenos empresários da região do Seridó, Rio Grande do Norte, para efeito de tomada de decisão envolvendo questões de natureza econômico-financeira. Esse estudo foi realizado em 143 MPE's nas duas maiores cidades da região, Caicó e Currais Novos. Das empresas pesquisadas, 61,53% eram do setor de comércio, 31,48% prestadoras de serviços e apenas 6,99% indústrias. Dos gestores entrevistados, destaca-se o fato de 82,4% não possuírem nível superior. Em contra partida, os autores constataram que grande parte dos microempresários tem nível médio completo (63,3%), e durante a pesquisa ficou bem evidente a preocupação deles em adquirir conhecimentos que os auxiliassem na gestão de suas empresas, pois a maioria apresentou certificados de conclusão de curso de aprimoramento nas áreas de marketing, vendas, controle financeiro, e correlatos oferecidos pelo SENAC e SEBRAE.

A pesquisa revelou que 69,1% dos respondentes percebem a informação contábil recebida como relevante no cumprimento das legislações fiscais e trabalhistas. Entretanto, no que se refere à utilização das informações contábeis na tomada de decisão que envolve aspectos econômico-financeiros, 42,6% dos pesquisados tomam essas decisões com base na experiência que foi desenvolvida com o seu próprio negócio. A maioria dos entrevistados (45,7%) respondeu que a contabilidade produz varias informações que lhe são repassadas através dos livros e demonstrativos contábeis, dos documentos referentes às áreas trabalhistas e tributárias, etc. Contudo, afirmaram que tais informações não são úteis por serem complexas e de difícil entendimento. Em vista disso, esses empresários acompanham o desempenho dos seus negócios por meio de controles simples e manuais, elaborados por eles ou pelos seus próprios empregados, tomando decisões com base na experiência e na intuição.

Queiroz (2005) constatou também que, dos 26,4% dos entrevistados que afirmaram necessitar que a contabilidade produzisse informações da área financeira e gerencial, percebiam as informações contábeis que lhes

são apresentadas como úteis apenas para o fisco e para o Ministério do Trabalho. Com isso, a autora concluiu que as informações contábeis que são oferecidas aos gestores das MPE's do Seridó não atendem integralmente às solicitações informativas deles, sendo essa a possível causa da preferência em se basear na experiência e intuição ao invés da informação contábil no momento de tomar decisões que refletirão na rentabilidade dos seus negócios.

A utilização da intuição na tomada de decisões, sem dúvida, é um fator agravante na taxa de mortalidade dessas empresas. Muitos empresários já tiveram prejuízos e até fecharam seus negócios devido à não contratação de profissionais especializados e à tendência de tomar decisões pelo *feeling*. No que diz respeito à sobrevivência das empresas familiares, Sundfeld (2006) aponta que é compreensível haver por parte dos familiares uma dificuldade na aceitação de profissionais externos para desempenhar uma função que poderia ser exercida por eles. Como o poder sobre as diversas áreas é geralmente concentrado nas mãos de um único indivíduo em empresas familiares, a solução proposta pelo autor é a contratação de especialistas para compartilhar conhecimentos que tragam múltiplas possibilidades de reflexão para a tomada de decisões.

O conhecimento especializado dá origem a uma diferenciação na empresa que precisa, posteriormente, de uma integração, para que a mesma não se desvie do alcance de seus objetivos para atingir metas de um departamento específico. Essa integração é promovida justamente pelo Sistema de Informações Contábeis (SIC), que é baseado no novo modelo de produção, o qual, segundo Borges (1995), consiste em uma visão sistêmica e integrativa onde os processos não devem ser vistos separadamente, mas em sua totalidade.

Lyra (2003) classifica os serviços oferecidos pelas empresas prestadoras de serviços contábeis em três grupos de atividades principais: (a) fiscal, no qual se faz a apuração tributária, impressão de livros fiscais, e outras atividades correlatas; (b) contábil, responsável pela elaboração das demonstrações sobre a situação econômico-patrimonial-financeira; e (c) pessoal, que cuida do serviço administrativo básico, como elaboração da folha de pagamento, cálculo do FGTS, da contribuição para o INSS, entre outros. Além desses, esse autor destaca a atividade “comercial e de consultoria”, caracterizada pelo contato com os clientes, implantação de controles, planejamento contábil, tributário, trabalhista e orçamentário,

análise econômico-financeira e implantação de sistemas de administração por resultado.

Um dos principais problemas das pequenas e médias empresas pode ser o fato das informações contábeis serem, em sua maioria, fornecidas externamente às mesmas pelos escritórios de contabilidade. Segundo Nunes e Serrasqueiro (2004), os gestores se utilizam mais da contabilidade para tomar decisões estratégicas e operacionais quando ela é feita dentro da própria empresa.

Bem na linha de nosso estudo, Stroehler e Freitas (2006) realizaram uma pesquisa exploratória para identificar as necessidades de informações contábeis por parte dos pequenos empreendedores. Eles constataram (2006, p. 8) que “o empreendedor não vê o serviço de contabilidade como uma extensão de sua empresa, e sim como uma obrigação imposta pelo governo com fins arrecadatórios.”

Além desses, vários outros autores estudaram a utilização de informação contábil pelas pequenas empresas brasileiras. Lucena (2004) conduziu um estudo junto a pequenas empresas da cidade de Toritama, localizada no estado de Pernambuco, e seu estudo revela que, embora elas tenham controle (simples) dos seus negócios, é baixo o grau de utilização de sistemas de informações gerenciais e de planilhas computadorizadas.

3 Metodologia

O trabalho foi fundamentado em pesquisa bibliográfica, realizada em livros, artigos de periódicos científicos e de anais de congressos, além de pesquisa na internet. Possui como universo o conjunto das micro e pequenas empresas. Por questões de restrições orçamentárias, foi selecionada uma amostra por conveniência, não probabilística.

Os participantes foram selecionados pela facilidade de acesso a eles, tanto em termos de localização geográfica como em termos de conhecimento pessoal dos pesquisadores com possíveis respondentes ou com pessoas que pudessem facilitar o acesso aos mesmos. Geograficamente, a pesquisa limitou-se aos municípios de Recife e Jaboatão dos Guararapes. Visando obter um grau de homogeneidade entre os participantes da pesquisa, foram selecionados apenas “mercadinhos” para participar da mesma. Considerou-

se como mercadinhos tanto os pequenos supermercados de periferia quanto padarias que atuam de forma semelhante a estes, ou seja, comercializam grande variedade de produtos alimentícios, de higiene pessoal, produtos de limpeza, dentre outros.

Para obter os dados foi realizada pesquisa de campo, com aplicação de questionário, com perguntas fechadas. A coleta de dados foi realizada por dois pesquisadores que visitaram as empresas. Os questionários foram respondidos pelos gestores do estabelecimento, em muitos casos o proprietário. Foi realizado um pré-teste para verificar a clareza das questões e a existência de perguntas desnecessárias a fim de, posteriormente, fazer as devidas alterações. Este foi aplicado aos gerentes de quatro supermercados e as modificações foram feitas de acordo com as dificuldades apresentadas pelos respondentes. Após as alterações, o questionário foi efetivamente aplicado em 33 supermercados de micro, pequeno e médio porte.

Os pesquisadores acompanharam o preenchimento de praticamente todos os questionários e em muitos casos, o questionário foi preenchido pelos próprios pesquisadores, que iam lendo a pergunta e as alternativas para o respondente e assinalando a alternativa indicada por este. Esse procedimento aumentou a qualidade das respostas, pois permitiu esclarecer dúvidas dos respondentes sobre algumas questões, além de possibilitar a obtenção de informação complementar junto aos mesmos.

A análise estatística dos dados foi realizada com auxílio do software estatístico SPSS – *Statistical Package for Social Science* – versão 15.0. O tratamento estatístico utilizado neste estudo se refere à análise descritiva dos dados, baseada em medidas de posição, dispersão e nos testes de hipóteses, verificados com a utilização de testes não paramétricos (teste qui-quadrado e teste Exato Fisher).

4 Análise dos resultados

Esta seção apresenta os resultados obtidos na aplicação do questionário, conforme a divisão dos grupos de questões estabelecidos. A análise descritiva foi realizada utilizando-se o software SPSS e será dividida em três partes. Na primeira, realiza-se uma descrição das empresas investigadas, identificando características como porte, tempo de funcio-

namento, percepção dos gestores no que se refere ao posicionamento em relação à concorrência, entre outras. A segunda busca descrever o perfil dos respondentes, verificando cargo ocupado, tempo de experiência e nível de escolaridade. A terceira faz uma análise da maneira como a informação é processada nessas empresas e investiga a percepção dos administradores em relação ao valor do profissional contábil.

4.1 Caracterização das empresas da amostra

Para classificar as empresas pelo porte, foi utilizado o critério do SEBRAE, com base no número de empregados. De acordo com tal critério, no setor comercial, micro empresas são aquelas com até nove empregados e pequenas empresas são as que têm entre 10 e 49 empregados. Dentre as empresas da amostra, 60,6% são microempresas e 39,4% são classificadas como pequenas empresas conforme apresentado na Tabela 1. Das empresas pesquisadas, apenas uma se enquadra na categoria de média empresa por possuir 50 empregados. Devido à diferença em relação à pequena empresa ser mínima, de apenas um empregado, esta foi considerada como de pequeno porte.

Tabela 1: Porte da empresa / número de empregados (segundo SEBRAE)

Número de empregados	Frequência	%
Micro (até 9 empregados)	20	60,6
Pequena (de 10 a 49)	13	39,4
Total	33	100,0

Fonte: elaborado pelos autores.

Os respondentes foram solicitados a autotclassificar suas empresas, de acordo com o porte. Foram apresentadas como alternativas: microempresa, empresa de pequeno porte e média empresa. Confrontando-se as respostas a esta pergunta, com a classificação do SEBRAE, verifica-se uma pequena divergência em quatro casos em que os respondentes classificam seu negócio como de médio porte, quando, pelo referido critério, eles seriam classificados como de pequeno porte. Divergências como essa revelam a dificuldade de se identificar o porte dessas empresas, especialmente quando as diferenças não são muito expressivas. Além disso, uma empresa pode ter entre 10 e 49 empregados (pequena empresa, de acordo com o SEBRAE), mas ter um faturamento mais próximo do de uma média empresa.

Quanto ao tempo de funcionamento das empresas da amostra, a média é de 9 anos (com desvio padrão de 9,7 anos). A mediana é de 5 anos. O mínimo é zero (há uma empresa com menos de 1 ano) e o máximo é de 45 anos. Os dados foram reagrupados em três categorias: empresas com até 4 anos; empresas com idade entre 5 e 9 anos; e empresas com 10 anos ou mais (ver Tabela 2). Verifica-se que os dois grupos extremos concentram a maior parte das empresas, ou seja, há 15 empresas com até 4 anos e 12 empresas com 10 anos ou mais. Verifica-se que há um número expressivo de empresas novas, sendo 8 delas com 2 anos ou menos.

Tabela 2: Tempo de funcionamento da empresa

Idade da empresa	Frequência	%	% acumulado
até 4 anos	15	45,5	45,5
de 5 a 9 anos	6	18,2	63,6
10 anos ou mais	12	36,4	100,0
Total	33	100,0	

Média = 9 anos (desvio padrão de 9,7 anos)

Mediana = 5 anos

Mínimo = 0 ano e máximo = 45 anos

Fonte: elaborado pelos autores.

A maioria das empresas da amostra (31 empresas, 93,9% do total) são empresas isoladas, que não pertencem a nenhum grupo ou cadeia de lojas. Como afirmado por Bortoli (1980), isto acarreta, geralmente, em uma maior dedicação do proprietário ao estabelecimento e em uma participação mais intensa nas decisões da empresa. Isso contribui, para o fato de muitas PMEs serem ligadas às características de seus proprietários, refletindo tanto aspectos positivos como negativos de sua personalidade.

Os respondentes foram solicitados a classificar suas empresas em relação à concorrência. Das empresas analisadas, segundo a percepção dos gestores, vinte e seis (78,7% da amostra) consideram-se “na média”, em relação aos seus concorrentes. Quatro empresas (12,2% da amostra) consideram-se abaixo da concorrência e apenas três empresas (9,1%) classificaram-se como “acima da concorrência”, como apresentado na Tabela 3.

Tabela 3: Comparação com os concorrentes

Comparação com a concorrência	Frequência	%	% acumulado
Abaixo da concorrência	2	6,1	6,1
Um pouco abaixo da concorrência	2	6,1	12,1
Na média	26	78,8	90,9
Um pouco acima da concorrência	2	6,1	97,0
Acima da concorrência	1	3,0	100,0
Total	33	100,0	

Fonte: elaborado pelos autores.

Com o objetivo de avaliar o grau de sofisticação da gestão e da complexidade da empresa, introduziu-se uma variável “proxy”: a utilização de financiamento. Espera-se que à medida que a empresa evolui, ela se utilize cada vez mais de crédito para alavancar seus negócios, seja via financiamento bancário ou via *factoring*. Por outro lado, empresas com menor nível de complexidade ou com gerenciamento num nível mais rudimentar devem se utilizar menos de crédito, ou por falta de conhecimento ou por falta de acesso ao mesmo. A pesquisa revela que mais da metade das empresas (19, representando 57,6%) não utiliza financiamentos, seja bancário ou através de *factoring*. Apenas 2 delas se utilizam dos dois instrumentos de crédito como mostra-se na Tabela 4. A pesquisa corrobora a assertiva de Bortoli (1980), segundo o qual as empresas familiares geralmente não recorrem ao mercado de capitais.

Tabela 4: Utilização de financiamento

Análise combinada		Utiliza financiamento de factoring		Total
		Não	Sim	
Utiliza financiamento bancário	Não	19	0	19
	Sim	12	2	14
Total		31	2	33

Fonte: elaborado pelos autores.

Foram realizados testes estatísticos não paramétricos (Qui-quadrado e Fisher) relacionando esta variável a algumas das características da empresa e dos gestores. Apenas a relação entre utilização de financiamento e a idade da empresa apresentou relação significativa e mesmo assim num nível superior a 5%, conforme mostra-se na Tabela 5.

Tabela 5: Comparação entre Idade da empresa e utilização de financiamento

Análise combinada		Idade da empresa		Total
		até 4 anos	5 ou mais	
Utilização de financiamento	Não	6	13	19
	Sim	9	5	14
	Total	15	18	33

Teste Exato de Fisher: nível de significância = 8,5% (bi-caudal).

Fonte: elaborado pelos autores.

As elevadas taxas de juros praticadas no Brasil afetam consideravelmente esta análise e a validade da variável “utilização de financiamento” ser utilizada como “proxy” do grau de sofisticação da gestão ou do grau de complexidade da empresa, pois a maioria das empresas não se utiliza do crédito simplesmente pelo fato das taxas de juros serem muito elevadas, superiores, em muitos casos, à rentabilidade do negócio. Isto é mais verdade ainda no caso das empresas objeto desta pesquisa, pequenos supermercados de periferia, que combinam baixa rentabilidade e maior dificuldade de acesso ao crédito.

4.2 Caracterização dos respondentes

No que diz respeito ao cargo ocupado pelos respondentes que participaram da pesquisa, constata-se que 21 deles (63,6%) fazem parte do quadro acionário (proprietário ou sócio-gerente). Os demais (36,4%) classificaram-se como gerentes como se apresenta na Tabela 6.

Tabela 6: Cargo dos respondentes

Cargo do respondente	Frequência	%	% acumulado
Proprietário	14	42,4	42,4
Sócio-gerente	7	21,2	63,6
Gerente da empresa	8	24,2	87,9
Gerente de loja	4	12,1	100,0
Total	33	100,0	

Fonte: elaborado pelos autores.

Apesar de se constatar que há um grupo expressivo (1/3) de respondentes com menos de 4 anos de experiência, verifica-se que a maioria deles tem mais de cinco anos de atuação na área empresarial. O tempo médio é de 10,4 anos (desvio padrão de 9,2 anos) e a mediana é de 8 anos,

sendo o mínimo de 1 ano e o máximo de 35 anos. Os respondentes foram classificados em 3 grupos, com base no tempo de experiência: até 4 anos; de 5 a 9; e 10 anos ou mais como mostra a Tabela 7.

Tabela 7: Experiência do respondente na área empresarial

Tempo de Experiência do respondente	Frequência	%	% acumulado
até 4 anos	11	33,3	33,3
de 5 a 9 anos	7	21,2	54,5
10 anos ou mais	15	45,5	100,0
Total	32	97,0	

Média = 10,4 anos (desvio padrão de 9,2 anos) - Mediana = 8 anos

Mínimo = 1 ano e máximo = 35 anos

Fonte: elaborado pelos autores.

Quanto ao grau de instrução dos respondentes, a pesquisa revela que 51,5% tem pelo menos nível superior incompleto. Do restante, 30,3% possui o ensino médio e apenas 9,1% dos respondentes têm somente o primário como mostra a Tabela 8.

Tabela 8: Nível de Escolaridade

Nível de Escolaridade	Frequência	%	% acumulado
Até a 4 série primaria	3	9,1	9,1
Até a 8 série do 1 grau	1	3,0	12,1
Até o 3 ano do ensino médio	10	30,3	42,4
Nível técnico	2	6,1	48,5
Cursando o ensino superior	3	9,1	57,6
Superior	13	39,4	97,0
Pós-graduado	1	3,0	100,0
Total	33	100,0	

Fonte: elaborado pelos autores.

4.3 Processamento da informação financeira e percepção do valor dos contadores

Os respondentes foram perguntados sobre como a informação financeira é processada na empresa. A pesquisa revela que em 63,7% das empresas, a informação financeira é processada pelos próprios gestores. Impressiona o fato de que, na era da informática, com computadores e softwares a preços acessíveis, 45,5% (15 respondentes) processam a infor-

mação intuitiva ou manualmente, sem o auxílio de computador conforme Tabela 9. O fato de se tratar de gestores de empresas de uma área metropolitana magnífica o espanto.

Tabela 9: Processamento da informação financeira

Processamento da Informação Financeira	Frequência	%	% acumulado
Por mim mesmo, intuitivamente, sem muita organização	2	6,1	6,1
Por mim mesmo, manualmente de forma mais organizada	13	39,4	45,5
Por mim mesmo, com ajuda do computador	6	18,2	63,6
Sem computador, mas com ajuda de um profissional externo	2	6,1	69,7
Com computador e com ajuda de um profissional externo	5	15,2	84,8
Pelo pessoal do escritório central	5	15,2	100,0
Total	33	100,0	

Fonte: elaborado pelos autores.

Segundo Nunes e Serrasqueiro (2004), um dos principais problemas das pequenas e médias empresas pode ser o fato das informações contábeis serem fornecidas externamente às mesmas. Afirmam que quando o contador é interno, os gestores atribuem maior importância às informações contábeis para tomar decisões. Ainda de acordo com esses autores, "quando a contabilidade é feita externamente, a principal finalidade da sua elaboração pode ser para propósitos fiscais e legais". Na amostra, 87,9% das empresas são assessoradas por escritórios de contabilidade. Apenas 12,1% (4 empresas) dispõem de um contador interno. Apesar disso, a pesquisa não corrobora a afirmação desses autores, uma vez que a maioria dos respondentes reconhece a importância do contador. Dois fatos suportam essa assertiva. O primeiro deles é que ao serem perguntados se manteriam o contrato com o contador, caso "o governo simplificasse o recolhimento dos impostos e dos encargos sociais", de modo que eles mesmos fossem capazes de realizar essas tarefas, 63,6% responderam que manteriam, como mostra a Tabela 10.

Tabela 10: Disposição de manter o contador

Se o governo simplificasse o recolhimento dos impostos e dos encargos sociais, de modo que você mesmo fosse capaz de calcular e efetuar o pagamento, você manteria o seu contrato com o contador?	Frequência	%	% acumulado
Não	12	36,4	36,4
Sim	21	63,6	100,0
Total	33	100,0	

Fonte: elaborado pelos autores.

Serve de alerta o elevado percentual (36,4%) de respondentes que indicaram não manter o contador caso o governo simplificasse o recolhimento dos impostos e dos encargos sociais, pois isso pode ser indício de que seus contadores prestam apenas serviços contábeis relacionados com o recolhimento dos impostos, não sendo, portanto, percebidos como produtores de outro tipo de informação útil à gestão dos negócios.

O segundo fato que reforça o reconhecimento da importância do contador por parte dos gestores é que ao serem indagados sobre quem contratariam “para produzir informações que ajudassem no controle das operações e avaliação do desempenho da empresa”, 57,6 % apontaram o contador conforme Tabela 11.

Tabela 11: Profissional que contrataria para controlar e avaliar desempenho

Quem contrataria para produzir informações que ajudassem no controle das operações e avaliação do desempenho da empresa?	Frequência	%	% acumulado
Contador	19	57,6	57,6
Economista	6	18,2	75,8
Administrador	4	12,1	87,9
Consultores	2	6,1	93,9
Advogado	1	3,0	97,0
Nutricionista	1	3,0	100,0
Total	33	100,0	

Fonte: elaborado pelos autores.

Com isso, verifica-se o reconhecimento da importância do contador para a maioria dos gestores entrevistados. Entretanto, apesar do elevado percentual de respostas (57,6%) indicando o contador como a pessoa que seria contratada para produzir a informação para o controle das operações e

avaliação do desempenho, chama a atenção o fato de 42,4% indicarem outros profissionais. Afinal, essa é a atividade primordial do contador. Este é um indicativo de que nem todos os micro e pequenos empresários vêem o contador como este deveria ser visto: produtor de informação útil para a gestão econômico-financeira das empresas.

Combinando o fato de que 36,4% dos respondentes não manteriam seus contadores, com a revelação de que 42,4% contratariam outros profissionais para assessorá-los em assuntos relacionados com a contabilidade, pode-se dizer que os contadores devem se empenhar em melhorar essa realidade e fazer jus à preferência que ainda têm.

Alguns contadores, ao serem indagados sobre o fato de não produzirem informações gerenciais para auxiliar os gestores, alegam que não podem fornecer tais relatórios porque os empresários não abrem as informações de suas empresas. Na amostra, 81,8% dos respondentes (27 empresas) afirmam que “estariam dispostos a abrir as informações do seu empreendimento para o contador, caso ele produzisse relatórios que ajudassem a gerenciar melhor o seu negócio”. Não há, portanto, uma predisposição de não abrir os dados da empresa. Mas essa disponibilidade está condicionada à produção de informação útil para gerenciar o negócio. Não foi verificada nenhuma relação estatisticamente significativa entre a disposição de abrir as informações e as características das empresas ou dos respondentes.

Para reforçar a análise sobre a utilidade do contador e dos serviços contábeis, criou-se uma variável “proxy” para medir o valor das informações gerenciais. Os respondentes foram solicitados a responder se estariam dispostos a pagar mais pelos serviços prestados a eles, caso o “contador produzisse relatórios mensais, que permitissem gerenciar melhor o seu negócio e saber como está indo o seu negócio”. Foram apresentadas como alternativas aumentos de 20%, 40%, 60%, mais que 60% e nenhum aumento. Na Tabela 12 apresenta-se o resultado.

Tabela 12: Percepção do valor das informações gerenciais

Se o contador produzisse relatórios mensais, que permitissem gerenciar melhor o seu negócio e saber como está indo o seu negócio, você estaria disposto a pagar mais pelos serviços prestados por ele?	Frequência	%	% acumulado
Sim, até 20% mais	16	48,5	48,5
Sim, até 40% mais	2	6,1	54,5
Sim, até 60% mais	3	9,1	63,6
Sim, mais que 60%	2	6,1	69,7
Não	10	30,3	100,0
Total	33	100,0	

Fonte: elaborado pelos autores.

A análise das respostas evidencia que os respondentes reconhecem o valor da informação gerencial que os contadores podem vir a produzir. Aproximadamente 70% dos respondentes estão dispostos a pagar mais pelos serviços contábeis prestados atualmente, caso seja gerada informação útil para a tomada de decisão. Mais expressivo ainda é que 5 respondentes (15%) indicaram estar dispostos a pagar 60% ou até mais do que isso.

Aprofundando a análise, efetuou-se um teste estatístico (Fisher) para avaliar a relação entre a disposição de pagar mais ao contador, no caso de serem oferecidos relatórios úteis à tomada de decisão, e a disposição de manter o contador, caso ocorresse uma simplificação no recolhimento dos impostos. Como pode ser visto na Tabela 13, a hipótese nula de que não há relação entre essas duas variáveis não pode ser rejeitada. Mesmo aqueles respondentes que não indicaram disposição de manter o contador, indicaram disposição de pagar mais ao contador, caso este produza informação útil à tomada de decisão. Dentre os 12 que não manteriam o contador, se a legislação fosse simplificada, 9 (75%) estariam dispostos a pagar mais ao contador. Entre os que manteriam o contador, o percentual dos dispostos a pagar mais é de 66,6%.

Tabela 13: Relação entre a disposição de manter o contador e de pagar mais ao mesmo

Análise combinada	Disposição de pagar mais ao contador		Total
	Não	Sim	
Manteria contrato com o contador?	Não	3	12
	Sim	7	21
	Total	10	33

Teste Exato de Fisher: nível de significância = 71% (bi-caudal) e 46,3% (uni-caudal).

Fonte: elaborado pelos autores.

5 Conclusões

Este estudo investigou, junto aos micro e pequenos supermercados de periferia (mercadinhos), a percepção dos gestores quanto à utilidade do contador e dos serviços contábeis. A análise dos dados revelou que embora boa parte dos empresários percebe a utilidade do contador, uma vez que mesmo que o governo simplificasse o recolhimento dos impostos, 63,6% dos respondentes manteriam o contrato com o seu contador, há uma porção não desprezível deles (36,4%) que, aparentemente, percebe o contador como mero provedor de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais.

Mas essa conclusão parece referir-se apenas aos serviços prestados atualmente pelos contadores, pois 70% deles indicaram disposição de pagar mais pelos serviços prestados pelos contadores, caso estes venham oferecer informação útil à tomada de decisão (relatórios que permitam gerenciar melhor o negócio e saber como este está indo). Três conclusões podem ser extraídas deste estudo: parte significativa dos micro e pequenos empresários percebe os contadores apenas como provedores de serviços relacionados ao recolhimento dos impostos e dos encargos sociais; para parte significativa dos empresários o contador não é o único profissional especializado na produção de informação para controle e avaliação de desempenho; e os empresários percebem valor nas informações e relatórios que contribuam para melhorar o gerenciamento e a avaliação do desempenho de seus negócios.

Pela característica do processo de amostragem, essas conclusões são válidas apenas para o conjunto de respondentes que participou da pesquisa. No entanto, o número de empresas pesquisadas e a forma criteriosa com que

a pesquisa foi conduzida, permitem utilizar esses dados como indicativos da percepção dos micro e pequenos empresários com relação à utilidade do contador e dos serviços contábeis, notadamente da informação gerencial para controle e avaliação do desempenho das empresas. Para futuros trabalhos, recomenda-se que este trabalho seja replicado em outras regiões e com amostras mais representativas da população, para que se obtenha um quadro mais realista sobre a utilidade dos serviços oferecidos pelos contadores.

Referências

BORGES, Mônica Erichsen Nassif. A informação como recurso gerencial das organizações na sociedade do conhecimento. In: CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 24(2). **Anais...** Ibiict - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia. 1995.

BORTOLI, Adelino Neto. **Tipologia de problemas das pequenas e médias empresas**. Dissertação (Mestrado em Economia e Administração). Faculdade de Economia e Administração. São Paulo, 1980.

BRAGA, Nice. O processo decisório em organizações brasileiras: comportamentos comunicativos. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 4, p. 34-51, 1988.

CASTRO, Carlos José de Lima. Escritório de contabilidade. Sala do empresário - **Programa de capacitação, estratégia e motivação empreendedora**, XVII. Depoimento publicado no período: 19/04/1998 a 25/04/1998. Disponível em: <www.empresario.com.br/memoria/entrevista.php3?pic_me=65>. Acesso em: 12 nov. 2006.

JOHNSON Gerry, e SCHOLLES Kevan. **Exploring Corporate Strategy**. 3. ed. Prentice-Hall. 1993.

LUCENA, W. G. L. **Uma contribuição ao estudo das informações contábeis geradas pelas micro e pequenas empresas localizadas na cidade de Toritama no Agreste Pernambucano**. Dissertação de Mestrado (Ciências Contábeis). Programa Multiintitucional e Inter-Regional do Consórcio UnB, UFPB, UFPE e UFRN, João Pessoa: 2004.

LYRA, Ricardo Luiz Wust Corrêa de. **Uma contribuição à mensuração do resultado econômico da decisão de investimentos em qualidade em empresas de serviços contábeis: uma abordagem da gestão econômica**. Dissertação de Mestrado

(Controladoria e Contabilidade). Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade (FEA), São Paulo, 2003.

NUNES, L. C.; SERRASQUEIRO, Z. M. S. A Informação Contabilística nas Decisões Financeiras das Pequenas Empresas. **Revista de Contabilidade e Finanças**, São Paulo, n° 36. p. 87-96, set. /dez. 2004.

OLIVEIRA, Antônio Gonçalves de; MULLER, Aderbal Nicolas; NAKAMURA, Wilson Toshiro. A utilização das informações geradas pelo sistema de informação contábil como subsídio aos processos administrativos nas pequenas empresas. **Revista FAE**, Curitiba, v.3, n.3, p.1-12, set./dez. 2000.

QUEIROZ, Luziana Maria Nunes de. **Investigação do uso da informação contábil na gestão das micros e pequenas empresas da região do Seridó Potiguar**. Dissertação de Mestrado (Ciências Contábeis). Programa Multiintitucional e Inter-Regional do Consórcio UnB, UFPB, UFPE e UFRN, Brasília: 2005.

RESNIK, Paul. **A bíblia da pequena e média empresa**. São Paulo: Makron Books, 1990.

SEBRAE, Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas. Fatores Condicionantes e Taxa de Mortalidade de Empresas no Brasil. Relatório de Pesquisa. Agosto/2004.

STROEHER, A. M.; HENRIQUE F. Identificação das necessidades de informações contábeis de pequenas empresas para tomada de decisão organizacional. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE GESTÃO DA TECNOLOGIA E SISTEMAS DE INFORMAÇÃO (CONTECSI), III, 2006, São Paulo. **Anais...** São Paulo: FEA/USP, 2006. p. 233, CD-ROM.

SUNDFELD, João Baptista. A sobrevivência das empresas familiares. Empresário Online - Artigos, 08 mar. 2006. Disponível em: < www.empresario.com.br/artigos/artigos_html/artigo_a_080306.html>. Acesso em: 21 set. 2006.

Artigo recebido em: 11 de outubro de 2007

Artigo aceito para publicação em: 26 de março de 2008